

Projeto Casa de Vaga-Lumes: Entre Teias e Tendões da Leitura e Escrita no Alto Sertão Paraibano

Área Temática de Educação

Resumo

Introdução: Apesar dos esforços em favor da qualidade dos cursos do CFP-UFCG, é evidente a carência de: 1) Profissionais que atuam no campo educacional qualificados para utilizarem materiais de linguagens diversas; 2) Espaços com acervos especializados para o aprimoramento do leitor e escritor proficiente para a recepção/produção de diversos tipos e gêneros textuais. Com essas preocupações constituímos, desde 1995, a Casa de Vaga-Lumes: Oficina de Leitura e Escrita. Objetivo: Possibilitar a preparação contínua de mediadores de leitura e escrita, servindo como assessoramento maior aos trabalhos de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidos pelo nosso Centro. Metodologia: Dinamização de acervos, assessoramento a instituições educacionais, Oficinas de sensibilização lingüístico-literária. Resultados e discussões: Atualmente, desenvolvemos o Projeto Fala, Maria Esperança, com um grupo de 50 meninas. Através de oficinas concebidas num enfoque interdisciplinar discutimos temas diretamente relacionados aos direitos da criança e do adolescente no Brasil; o Projeto Menino Maluquinho, que disponibiliza, em caráter itinerante, um acervo constituído de 500 livros de literatura infanto-juvenil e o Projeto Cadeira de Balanço, que visa possibilitar a professores e alunos uma maior aproximação com o gênero memórias, com o intuito de refletir sobre a importância das memórias na constituição da identidade do sujeito.

Autores

Prof Dr. José Wanderley Alves de Sousa, Doutor em Língua Portuguesa e Lingüística/UNESP, Mestre em Biblioteconomia/UFPB; Professor Adjunto da área de Língua Portuguesa e Lingüística

Ana Paula de Brito, Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Letras; Bolsista do PROBEX - Maria Lúcia Soares da Silva, Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia; Bolsista do PROBEX

Instituição

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Palavras-chave: leitura; escrita; mediação

Introdução e objetivo

Os termos leitura e escrita fazem parte, atualmente, de um vocabulário cotidiano e são empregados nas mais diversas situações e em diferentes sentidos. Passamos até a apontar uma ou outra seqüela do desenvolvimento social como uma consequência direta da falta de domínio destas habilidades. Culpamos este ou aquele lado – Governo ou Escola – por não garantirem o acesso dos indivíduos à cultura letrada, que cerceia o exercício pleno da cidadania por estes sujeitos. Acabamos por ter uma visão limitada e contraditória do processo de formação do cidadão e do papel que desempenha o “saber ler e escrever” neste contexto. Isto porque a condição de ser leitor e escritor, na maioria das vezes, determina a posição do indivíduo na sociedade.

“A priori”, todo leitor busca efetivar trocas informacionais com o objeto lido e, por extensão, com o seu produtor (autor), a fim de efetivar a apreensão e compreensão do conjunto de informações e idéias expressas num texto. O autor, por sua vez, produz o texto com o pressuposto de que este servirá como canal de comunicação e expressão do seu pensamento sobre a realidade da qual faz parte.

As abordagens polissêmicas sob as quais se toma a leitura nos estudos atuais, derrubam a visão limitada do ato de ler como mera decodificação de signos lingüísticos. As investigações interdisciplinares vêm abordando a leitura como “processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos”.(Martins, 1994, p.31).

Se a leitura é o (re) conhecimento dos materiais de linguagens, vale o reverso da medalha: a linguagem é a matéria-prima para a formação e (re) construção do conhecimento para/pelos sujeitos sociais. Isso requer que tais práticas se fundamentem num pressuposto epistemológico - a existência de sujeitos no ato de ler – o que desmistifica a noção de leitura passiva e dá luz ao ato de ler como interlocução. Este novo conceito concebe a idéia de reflexão, de ação do indivíduo sobre os objetos formadores da sua realidade, a partir das experiências vivenciadas por eles na suas histórias de vida. Isto é que permite a construção da realidade social do indivíduo, a partir de sua visão de mundo.

Podemos, então, dizer que a leitura se processa ora em níveis distintos, ora de forma interativa, uma vez que nesse processo são utilizados os sentidos, com vistas à apreensão das características particulares do objeto lido e das relações internas que estes desencadeiam. Esta primeira leitura ultrapassa limites e quer chegar à totalidade. Por seu turno, esse movimento de propulsão requer a utilização de elementos mais elaborados que os componentes sensoriais, para a compreensão de novos aspectos e especificidades do objeto lido, até então não percebidos.

Aí, a linguagem tem lugar de destaque, porque é através dela que podem ser desencadeados os processos de apreensão e construção do conhecimento pelo indivíduo. Ela pode servir como instrumento de (re) elaboração e de observação da realidade e do imaginário, para que se firme a compreensão e, conseqüentemente, o posicionamento crítico ante o real e o simbólico pelos interlocutores do/no texto – autor e leitor.

Estas reflexões constituem a gênese da linguagem como forma de interação, através da qual os sujeitos tomam a língua e refletem sobre as descobertas e experiências já realizadas e elaboram novas formas de atuação sobre a realidade. Sob este olhar, é preciso que o sujeito encontre o lugar da palavra no contexto de suas significações anteriores. Essa visão estabelece a dimensão ideológica e dialógica que a linguagem possui.

É inegável, portanto, o amálgama traçado entre leitura e linguagem, sobretudo, fincadas as bases no texto escrito. Estabelece-se aí uma ponte entre o ler e o dizer, configurada por um imbricamento de sinais registrados sob a forma de escrita, através de um código específico – o das letras – que deve assegurar a modalidade do texto, para propulsão do conhecimento através do tempo e da pluralidade de significações que desse mesmo texto pode emergir.

Esta relação acontece, sobretudo, porque múltiplos podem ser os modos de leitura de um texto que, por sua vez, são dependentes do contexto, dos objetivos propostos pela leitura e das características do objeto lido. Daí se falar em modos de leitura possíveis, propostos e pressupostos.

Tudo isso decorre da polissemia da noção de leitura, que distingue vários sentidos sob os quais esta pode ser tomada. É nessa perspectiva que inserem as investigações de (Orlandi, 1999). Ao analisar as produções da leitura e suas condições, parte da perspectiva da Análise de Discurso (de orientação francesa) para reafirmar que a leitura é produzida e, como tal, para

um melhor delineamento de uma concepção dialógica do ato de ler, é preciso que se entenda que fatores constituem as condições de produção da leitura.

Assim, pelo olho do discurso é possível dizer que a leitura é produto social e marca o limite entre a singularidade e a universalidade. Daí se falar em conhecimento prévio no ato de ler, que nada mais é que as cargas experienciais dos interlocutores que impregnam o texto nos momentos de sua constituição. Podemos assim dizer que o funcionamento do texto obedece à ordem lógica do funcionamento do discurso e, a priori, não admite o espontaneísmo, porque se concentra entre a manifestação da liberdade do locutor e a ordem da língua delineada por parâmetros que dirigem o funcionamento da linguagem, sobretudo quando se trata do texto escrito. Assim, retomamos as falas de Orlandi (op. cit.) para que possamos enxergar que há mecanismos de regulação que delimitam as condições de produção da leitura. Dessa forma, “resgatado da perspectiva da linguagem como instrumento de comunicação, o texto não é o lugar de informações – completas ou a serem preenchidas – mas é o processo de significação, lugar de sentidos”. (Orlandi, op. cit.).

Por estas veredas, conseguimos delinear a tessitura de um texto e, por conseguinte, o ato de ler como práticas sociais, sobretudo porque um discurso se constitui sobre um discurso prévio. Essa característica revela a intertextualidade como um dos implícitos da produção textual e, por conseguinte, do ato de ler. Apoiando-se nesse discurso prévio, o texto revela a sua carga social. Aí, o autor e o leitor são tomados como interlocutores mediados pelo texto. A propósito, o que é intertextualidade? “A noção de intertextualidade é uma noção complexa, Segundo essa noção, sabemos que um texto tem relação com outros textos nos quais ele nasce (sua matéria-prima) e/ou outros para os quais ele aponta (um futuro discursivo)”. (Orlandi, op. cit.).

A consciência dessa dimensão dialógica que se instaura nos momentos de feitura e leitura de um texto, incita-nos a pensar sobre o lugar que tais práticas ocupam na escola. E, como ponto de partida, é preciso refletir sobre algumas mazelas que teimam em se enraizar no contexto escolar, como ervas daninhas, A realidade mostra que a escola muito mais favorece a formação de “leitores e escritores” fadados à submissão que abertos à criação. Dentre tantos problemas, alguns saltam aos nossos olhos:

O esfacelamento e idiotização dos textos infanto-juvenis pelo livro didático, como mero recurso à memorização de regras gramaticais e aspectos simplórios ligados à “teoria da literatura”;

A imposição da leitura de livros que fazem parte de listas elaboradas sob o crivo de “educadores” que estabelecem o que deve ser lido. E o gosto do leitor?

O mito de que os problemas de leitura se atem à falta de dom, sem levar em conta os programas de alfabetização ineficazes, a falta de estímulo à leitura e escritura pela família, a não formação do “hábito” de ler durante a infância, o preconceito ao uso de outros materiais de linguagem (rádio, televisão, teatro, música, Internet, dentre outros), os programas de letramento insípidos lançados pelo Governo que, muito mais que preocupados com a disseminação da leitura, têm caráter propagandístico.

Pelas demarcações teóricas que até então adotamos, é preciso entender que não há limites de posse no texto, dialógico por natureza ele é plural e, como tal, abarca múltiplas vozes que, ao invés de se tornarem únicas verdadeiras, dialogam entre si. Suscita, pois, outro questionamento: “A leitura errada existe. (?)”. (Possenti, 1999, p. 169-178).

As pesquisas têm demonstrado que os problemas na formação de mediadores de leitura e escritura pelos cursos de licenciaturas são evidentes e precisam ser solucionados. No caso dos centros de formação de professores, com olhares especiais para o CFP-UFMG, SOUSA (1997) constatou que: a) os centros de formação de professores não estão participando ativamente da preparação de leitores efetivos, sobretudo, por não oferecerem maiores oportunidades de embasamento teórico-metodológico aos “futuros mediadores”, para

que estes desempenhem uma prática criadora e transformadora dentro dos espaços de produção da linguagem; b) os mediadores não estão devidamente preparados para atuarem com as exigências de uma sociedade que apresenta inúmeras possibilidades de leitura; c) a criação e implantação de programas permanentes de leitura nos centros de formação de professores, são pontos fundamentais para a formação de mediadores, dentro e fora da universidade.

São esses pontos que, em linhas gerais, explicam a necessidade de formação de grupos para o ensino, a pesquisa e a extensão em torno da leitura e da escritura. Nesta perspectiva vislumbra-se a possibilidade de serem alargadas as correntes que se debruçam sobre o lançamento de propostas de (re) elaboração de práticas coletivas em favor da promoção e acesso à leiturização. Pensar formas de democratização da informação e, por conseguinte, das práticas sociais é um desafio que se faz urgente. E é aí que a Universidade deve atuar como instituição capaz de oportunizar uma sólida qualificação aos profissionais que atuam nas instâncias promotoras da educação e cultura de diversos níveis, sobretudo dos profissionais que atuam diretamente com a mediação da leitura e da escritura.

Desse leque de preocupações constituímos, desde 1995, a Casa de Vaga-Lumes: Oficina de Leitura e Escritura com a intenção de servir como programa de preparação contínua de mediadores de leitura e escritura, no âmbito do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, situado em Cajazeiras, cidade do Alto Sertão Paraibano, num enfoque interdisciplinar, com a proposta de um maior assessoramento aos trabalhos de Ensino, Pesquisa e Extensão, no campo das linguagens, desenvolvidos pelas licenciaturas oferecidas por este campus.

Ligado diretamente ao Programa de Extensão – PROEX – da UFCG, atualmente, a nossa equipe é constituída por um coordenador, Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa, que atua junto ao Departamento de Letras do CFP – UFCG; quatro professoras colaboradoras; Prof^ª. Ms. Maria Angélica de Oliveira – Departamento de Letras; Prof^ª Ms. Betânia Maria de Oliveira - Departamento de Educação e Prof^ª. Ms. Mariana Moreira Neto – Departamento de Ciências Sociais, Prof^ª Rilma Suely de Souza Melo – Departamento de Ciências Sociais. Ainda mais, contamos com duas alunas bolsistas, Ana Paula de Brito, do Curso de Letras e Maria Lúcia Soares da Silva, do Curso de Pedagogia.

Em linhas gerais, o principal objetivo do projeto é possibilitar a preparação contínua de mediadores de leitura e escritura no âmbito do CFP-UFCG, num enfoque interdisciplinar, servindo como assessoramento maior aos trabalhos de Ensino, Pesquisa e Extensão, desenvolvidos no campo das linguagens, desenvolvidos pelas licenciaturas que compõem os Departamentos desse Centro.

Especificamente, temos envidado esforços no sentido de:

Constituir um espaço para preparação contínua de mediadores de leitura e escritura, no CFP-UFCG, para desenvolvimento de atividades direcionadas a dinamização das práticas de leitura e produção textual, no ensino fundamental, médio e superior;

Contribuir no redirecionamento dos currículos e programas dos cursos de licenciatura oferecidos pelo CFP-UFCG;

Possibilitar o intercâmbio de especialistas nas áreas de atuação do CFP: Letras, Educação, Ciências e Ciências Sociais, com outras instituições educacionais interessadas na temática do projeto;

Oportunizar o aperfeiçoamento de professores de escolas de ensino fundamental e médio de Cajazeiras e Região, através da assessoria na elaboração e execução de projetos voltados para as áreas temáticas que norteiam os nossos trabalhos;

Organizar e dinamizar um acervo bibliográfico e de publicações diversas especializadas em linguagem, leitura, escritura e literatura infanto-juvenil.

Metodologia

O público-alvo visado pela Casa de Vaga-Lumes constitui-se, basicamente, de professores e alunos do CFP-UFCG, professores e alunos de escolas de ensino fundamental e médio de Cajazeiras e cidades circunvizinhas, além da comunidade, de um modo geral.

As nossas atividades são desenvolvidas sob a forma de mini-cursos, simpósios, congressos, palestras, conferências; oficinas de: teatro, música, confecção e manipulação de fantoches, criação de livros de pano; exibição e discussão de filmes destinados ao público infanto-juvenil ou relacionados a assuntos educacionais; promoção de feiras, lançamentos de livros, shows e outras atividades culturais; organização e dinamização de acervo bibliográfico especializado.

Dentro do nosso leque de ações, estamos desenvolvendo, ainda, o Projeto Fala, Maria Esperança, com um grupo de 50 meninas, na faixa etária de 10 a 18 anos, moradoras de uma zona da periferia de Cajazeiras. Através de oficinas concebidas num enfoque interdisciplinar temos discutido temas diretamente relacionados aos direitos da criança e do adolescente no Brasil. A gênese desse projeto partiu do interesse próprio dessas meninas, por se sentirem estigmatizadas, para além dos limites do bairro em que residem, onde predomina um alto índice de criminalidade e prostituição infantil.

Outro campo de nossa atuação é o Projeto Menino Maluquinho, que disponibiliza, em caráter itinerante, um acervo constituído de 500 livros de literatura infanto-juvenil.

Ainda mais, desenvolvemos o Projeto Cadeira de Balanço, sob a forma de oficinas, com professores e alunos de escolas públicas de Cajazeiras e Região, cujo objetivo maior é possibilitar aos participantes uma maior aproximação com o gênero memórias, através da leitura e produção de textos diversos, com o intuito refletir sobre a importância das memórias na constituição da identidade do sujeito autor (leitor e escritor). Essas oficinas acabam por extrapolar os muros das escolas e trazer para dentro do ambiente escolar pessoas das comunidades, que se identificam com a arte da narrativa, com especial participação de idosos das comunidades assistidas pelo projeto.

Resultados e discussão

Apesar dos significativos trabalhos que temos desenvolvido através da Casa de Vaga-Lumes: Oficina de Leitura e Escrita temos claro que, há muito para ser feito. De forma concreta, ainda não conseguimos atingir uma das nossas principais metas: colocar à disposição da comunidade, de forma mais próxima, o nosso acervo de literatura infanto-juvenil, constituído, atualmente, de 500 livros, devido à falta de um espaço próprio e assessorar algumas instituições educacionais da nossa região, pela dificuldade no estabelecimento de parcerias.

No que se refere ao desempenho dos participantes (coordenador, professores colaboradores e bolsistas), julgamos satisfatória a prestação de serviços, já que os mesmos conseguiram estabelecer um estreito diálogo sobre a questão da leitura e escrita na nossa realidade. Se melhores condições nos fossem apresentadas, melhor seria a dedicação dispensada ao Projeto. Precisamos de um maior apoio financeiro da UFCG, na destinação de materiais de consumo, de equipamentos, de um maior número de bolsas para os alunos. Do Centro cobramos condições físicas adequadas às nossas propostas de trabalho. Das secretarias de educação, solicitamos uma maior atenção para que firmemos parcerias, afinal de contas, é a comunidade que se beneficia com a Extensão Universitária, quando ela efetivamente acontece.

Conclusões

A realidade da educação brasileira tem colocado à mostra gravíssimas seqüelas do nosso sistema educacional nos seus mais diversos níveis. No caso da Universidade, para

entre nós uma visível apatia e descrédito, proveniente do descompromisso e do esfacelamento de ações que possibilitem a revitalização dessa Instituição, que sofre profundamente com cortes de verbas e ineficácia administrativa.

Não se pode negar que, apesar dos ares de estagnação, muita coisa mudou nas redes universitárias que promovem a formação docente. Novas práticas estão se efetivando. As pesquisas no campo da leitura e escritura atingem, no momento, um considerável grau de efervescência. Mas, é notório que muito há por ser feito, sobretudo em campos, como a leitura e escritura, que carecem de abordagens teórico-metodológicas sólidas, acrescidas da convivialidade que deve ser permitida e estimulada entre sujeitos e textos.

Na verdade, é preciso clareza nas nossas propostas de trabalho para que cada espaço educacional possa ser visto pela sua realidade particular, que deve servir como parâmetro para que sejam buscadas, em conjunto, formas de valorização e estímulo a uma melhor atuação dos educadores. Por sua vez, os profissionais que atuam no campo educacional devem estar conscientes da necessidade de qualificação para o exercício da mediação das práticas de leitura e escritura numa perspectiva crítico-criativa.

No caso do Centro de Formação de Professores, um dos campi da recém criada Universidade Federal de Campina Grande, temos padecido de um certo isolamento institucional, que cerceia a maioria dos projetos pensados para a dinamização desse Centro. A separação abrupta entre UFPB e UFCG refletiu, inicialmente, de forma negativa na execução dos nossos projetos, especialmente nos de Extensão.

No que se refere, especificamente, ao campo de atuação do nosso Projeto, constatamos a necessidade de repensarmos o trabalho com as práticas de leitura e escritura desenvolvidas pelas instituições promotoras da educação e cultura. Na verdade, as condições sociais de acesso e produção da leitura e escritura precisam ser repensadas na nossa sociedade. O povo precisa deixar de ser visto como “o vilão da história” e as oportunidades que lhe são atribuídas precisam ser revistas.

Certo é que, apesar dos inúmeros esforços empreendidos para a leiturização do povo brasileiro, diversos é visível a crise de leitura no Brasil, notadamente entre crianças e adolescentes. Temos claro que a não-leiturização também decorre da estrutura institucional que produz, usa e difunde a educação e a cultura a uma grande massa de indivíduos, através de diversos meios, além de ser um reflexo do despreparo dos “mediadores” que atuam na formação do leitor e do escritor. E isso sugere um efetivo trabalho de extensão no campo das linguagens, códigos e suas tecnologias.

Urge que repensemos os sentidos da Extensão na nossa Universidade, que luta por definir e consolidar uma política voltada para os interesses da nossa comunidade. Para além da elaboração de projetos, é preciso que tenhamos reais condições para pô-los em prática. Pensamos, pois como FORTUNATO (2002, p.52) ao dizer que: “A extensão (...) possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia cada vez mais junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes”.

Referências bibliográficas:

- BARZOTTO, V. H. (Org.). Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras no Brasil).
- FORTUNATO, M. L.; OLIVEIRA, F. B. de FEITOSA, E. A. III Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão. Anais... João Pessoa: Idéia, 2002, p. 52.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 74).

ORLANDI, E. P. A produção da leitura e suas condições. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras no Brasil).

POSSENTI, S.. A leitura errada existe. In: BARZOTTO, V. H. (org.). Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999, p. 169-178. (Coleção Leituras no Brasil).

SOUSA, J. W. A. de. Leitura e Escrita: olhares sobre a mediação. João Pessoa, 1997.140 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba.

_____ et al. Leitura e escritura: diálogos com a mediação. Revista de Extensão. João Pessoa: PRAC: UFPB, ano I, número 2, p. 49-56, jan. 1997.